



PONTE D'ALLAH-VERDI-KHAN.

Em Ispahan, sobre o Zende-Royh, acha-se lançada a ponte de Djoulfa ou d'Allah-Verdi-Khan, a mais elegante das da Persia: tem duzentos e quarenta metros de comprimento e treze de largura. O centro é reservado para os viandantes a cavallo e bestas de carga; de cada lado ha uma galeria d'arcadas, para os que passam a pé, de tres metros de largura e de oito a nove d'altura. É sobrepujada por uma plataforma, guarnecida de parapeitos, para a qual se sobe por uma escada situada nas torres que se acham nas extremidades das galerias. Pode tambem passar-se os arcos da ponte, quando a agua vae baixa, por meio d'uma galeria que os atravessa, e de pedras que se elevam do leito do rio, e estão distantes umas das outras obra d'um passo.

Esta ponte é construida de ladrilhos e pedras calcarias muito duras. Os arcos são trinta e quatro.

O IMPERIO D'ANNAM.

Continuação.

Camboja ou Cambódia começa um pouco acima do 9.º grau de latitude, e acaba no 12.º. A este tem a Cochinchina e o Tsiampa; a oeste,

VOL. I. — 4.ª SERIE.

o reino de Siam; ao norte, Lao; e ao sul, a Cochinchina. Este paiz é agora chamado Kao-mien ou Kao-men pelos tuakinezes; antigamente chamavam-lhe Tchan-lap, o que é a mesma coisa que o Tchín-la dos chins. Camboja, designada pelos habitantes com o nome de Youdra-Skan, é uma região fértil, que só tem duas cidades principaes, Penom-Peng ou Ca-Lompé, a capital moderna, e Pontai-Pret, a antiga, mais conhecida pelo nome de Camboja. Camboja foi um reino muito poderoso visto que no decimo seculo pôde conquistar a Cochinchina. Depois de diversas alternativas de elevação e decadencia, de conquista e submissão, foi, em 1809, incorporado definitivamente ao imperio d'Annam.

O Lao, ou Mi-lao, é um paiz pouco conhecido; estende-se do 12.º ao 18.º grau de latitude; ao norte confina com Lac-Tho e Tunkin, ao meio-dia com Camboja, a este com Tunkin e a Cochinchina, ao oeste com o reino de Siam. A capital é Han-Niech. Este paiz é banhado por um grande rio, chamado Maykang.

O Lac-Tho é desconhecido na Europa. Ainda que pequeno, formou contudo outr'ora um estado independente; é limitado ao sul pelo Lao, ao norte e a este por Tunkin, e a oeste pela China.

Finalmente, Kan-Kao, chamado Ha-tien pelos

MAIO, 23, 1857.

cochinchinezes e Palmerinha pelos portuguezes, é uma pequena soberania, situada na extremidade sul de Camboja, sobre a costa oriental do golpho de Siam. Ha muito tempo que o chefe d'este estado tem só o titulo de governador: é tributario do imperador d'Annam, tendo-o já sido do rei da Cochinchina.

A origem dos tunkinezes e dos cochinchinezes, como a de todos os povos que conquistaram as grandes ilhas do archipelago da Asia, tem estado occulta até hoje; comtudo alguma similitude na religião, nos costumes, e principalmente nos preconceitos que se perpetuam nas classes inferiores, e resistem ao tempo e aos acontecimentos, poderá fazer suppor que estes povos descendem dos chins, expulsos da sua patria pelas invasões successivas dos tartaros, e que viriam a esta plaga pouco mais ou menos dois seculos antes da nossa era. Os profugos acharam o paiz occupado por tribus negras, que defenderam o seu solo com a energia do desespero, e lutaram por longos annos. Obrigados a retirar-se diante dos vencedores e a abandonar o litoral, de que, conforme todas as apparencias, a natureza os fizera primeiros possuidores, os *Moyes* refugiaram-se nas montanhas do Lao, do alto das quaes, ha pouco ainda, estas tribus ferozes desciam como uma torrente sobre as terras, incendiavam as aldeas, talavam os campos, e matavam os habitantes.

Por muito tempo os tunkinezes, quasi selvagens, occupados unicamente em prover ás suas necessidades physicas, ignorando o uso da escripta, não poderam conservar a lembrança do passado senão pela tradição oral, sempre tão vaga, e incerta; ha só seiscentos annos, pouco mais ou menos, que elles começaram a escrever a sua historia. Todavia os seus annaes, verdadeiros ou falsos, reportam-se quasi ao tempo em que este paiz começou a ser habitado, e comprehendem perto de dois mil annos; mas nos primeiros tempos, só apresentam os nomes dos chefes do estado, sem tocar em nenhuns outros factos.

Os historiadores tunkinezes collocam á frente da sua historia uma dynastia de Hong-Mang, a qual, tendo sido fundada por um bisneto de Chin-Noung, imperador da China, reinou durante dezoito gerações. Esta primeira lista de reis podê ser tida como suspeita, por isso que n'ella se menciona um fundador descendente d'um d'estes antigos imperadores da China cuja existencia historica é pelo menos duvidosa. A estes reis succederam duas pequenas dynastias, a de Touk e a de Trieou, a duração d'ambas as quaes foi do anno 252 ao anno 106 antes de Jesus Christo. Depois a dynastia dos Trien reinou pelo espaço de noventa e sete annos; os Han occidentaes occuparam o throno por cento quarenta e nove; os Han orientaes durante cento quarenta e quatro; os Ngooli e os Luong por trezentos e quatorze. Os chins apoderaram-se então de Tunkin, e ahi governaram, por vice-reis, durante

mais de trezentos annos; mas pelo meado do seculo decimo, a dynastia dos Ngo foi fundada pelo genro d'um general chim, e reinou vinte e nove annos. Depois d'ella começaram as dynastias propriamente tunkinezas, a primeira das quaes, a dos Diah ou Dinh, teve por fundador, em 968, um zagal, chamado Bo-Linh, tartaro, que tendo-se retirado para as montanhas de Tunkin com alguns dos seus compatriotas, incitou-os a uma revolução, poz-se á testa dos tunkinezes, venceu os chins, e fez-se aclamar rei. Mas sobrevindo nova revolução, Bo-Linh foi assassinado, travaram-se guerras civis, e muitos tunkinezes disputaram o throno. Um d'estes, chamado Lé-Day-Hong ou Lé-Dai-Kanh, foi ahi collocado, e fundou, em 981, a dynastia dos Lé. Não gosou porém muito tempo do seu triumpho: atacado pelos chins, morreu em uma batalha que lhes apresentou. O seu successor, mais feliz, alcançou muitas victorias sobre elles, pondo-os em estado de não lhe perturbarem o reinado. Succedeu-lhe a sua posteridade, que sustentou a corôa por mais de dois seculos. Uma filha d'esta casa, unica herdeira do throno, o levou por casamento para a casa dos Han, que já o tinham possuido. Esta nova dynastia, conhecida tambem pelo nome de Tran, começou em 1226; durou cento oitenta e oito annos, mas foi n'esse tempo inquietada por muitas revoluções. Alguns partidos chamaram em seu soccorro o imperador da China, que enviou exercitos, restabeleceu o antigo dominio, e fez a sede d'uma vice-realeza. Tendo os vice-reis commettido grandes violencias, os tunkinezes rebelaram-se, mataram o vice-rei que então funccionava, e pozeram á sua frente um principe da antiga familia real dos Lé. Lé-Loi era grande guerreiro; ganhou muitas victorias, expulsou os chins do paiz, e, proclamado rei, fundou, em 1428, a segunda dynastia dos Lé. Obrigou o imperador da China a reconhecer a existencia da monarchia tunkineza, com o encargo d'um tributo pela exaltação de cada principe ao throno de Tunkin. Alguns historiadores, porém, não supõem que isto tivesse effeito senão até ao successor immediato de Lé-Loi.

Continúa.

A COMPANHIA HOLLANDEZA DAS INDIAS.

Assim que os holandezes começaram a animar-se para estabelecer uma patria livre sacudindo o jugo hespanhol, cuidaram logo nos meios de conservar-se, e considerando bem em que o seu paiz não podia sustentar commercio, que os interessasse com as outras nações, se determinaram muitos particulares com a protecção do publico a armar navios, e a tentar fortuna nos maiores perigos do mar, azendo o possível por se enriquecerem á custa dos barbaros, que n'esses principios começaram a despojar.

No anno de 1602 muitos d'aquelles particu-

lares interessados n'este negocio, trataram do estabelecimento de uma companhia, e alcançaram dos Estados Geraes ampla autoridade e poder despotico de inteira soberania no reino de Batavia, Jacarra, e de outros logares adjacentes, para exercitarem n'elles toda a qualidade de negocio, trafico, e commercio, com faculdade de elegerem governador e magistrados não só para a Batavia, mas para a mesma companhia que se formava em Hollanda.

Para o primeiro estabelecimento d'ella se fez um fundo de sessenta e tres toneis de oiro, cada um de quarenta mil escudos romanos, que eram cem mil florins, dividido em mais de mil e duzentas pessoas de diversas partes da Europa, havendo algumas que tinham n'este fundo mil e quinhentos florins sómente, ao mesmo tempo que outras tinham sommas muito consideraveis. Pode dizer-se que dos judeus era a maior parte d'este fundo. A quantia que cada um tinha na companhia chamava-se acção. Este dinheiro não se podia augmentar, nem diminuir, nem mudar, mas podia vender-se, e alienar, como hoje é uso n'estas empresas. Quando chegava alguma frota grande das Indias augmentava o preço das acções; quando se presumia alguma perda ou naufragio diminuia.

Do dinheiro do fundo não se pagava interesse ás partes, mas quando chegava a frota, depois de descontadas as despesas d'ella, se deixava um quinto para a companhia, e fazendo-se uma repartição de tudo o mais, se dividia pelas referidas partes á proporção. Dois e tres annos se passavam ás vezes sem os interessados tirarem proveito algum, porém havia annos em que recebiam vinte cinco por cento, ou mais.

Esta companhia, em attenção aos relevantes serviços que o principe d'Orange fez ao Estado, estabeleceu-lhe no anno de 1674 um fundo de dois toneis de oiro, que são 200000 florins. A companhia no seu principio tomou dinheiro a juro até á somma de sete milhões, a quatro por cento, podendo os credores retirar o capital quando quizessem.

Quando chegava uma frota repartiam-se as fazendas e mercadorias á proporção nos seis armazens de Amsterdam, Zelanda, Delf, Rotterdam, Horn, e Enckusen, logares onde havia assembleas geraes, tendo cada armazem seus directores particulares. Amsterdam tinha vinte directores com o salario annual de 3100 libras; Zelanda, doze com 2600 libras; e os outros armazens, sete cada um, com 1200 libras. Eram cargos vitalicios, e não podiam ser directores os judeus, nem dois irmãos, ou cunhados, ou primos co-irmãos. De todos estes directores nomeavam-se annualmente dezeseite para o governo geral da companhia. Esta assemblea reunia-se tres vezes cada anno, em differentes tempos, e cada uma das reuniões durava tres semanas, vencendo cada director uma gratificação. Havia um director que servia de procurador da companhia, tendo em seu poder todos os livros e con-

tas, subscrevendo egualmente todos os negocios concluidos.

Esta assemblea dos dezeseite elegia o governador geral d'entre os seis conselheiros residentes na Batavia, onde o seu poder era soberano e despotico, podendo fazer guerras e pazes, enviar governadores a outras provincias, suspender e castigar-os. Um dos conselheiros da Batavia presidia no tribunal da justiça criminal e civil, cujas sentenças para se executarem careciam de confirmação do governador; mas o tribunal era tão supremo, que tinha jurisdição para condemnar á morte o mesmo governador, sendo convencido de traição.

A despeza da companhia no entretenimento e fabrica dos navios, nos salarios de tantos ministros e officiaes, e em tantas expedições assim na India como na Hollanda, era enormissima. Chegou a ter trinta mil homens a soldo, e cento e cincoenta naus de guerra para as empresas e comboios. Muitas fortalezas edificaram na India. Em 1617 transportaram uma de pedra, fabricada e preparada em Amsterdam. O rei de Bantam deu-lhes licença para que fizessem nos seus estados um grande armazem, em que recolhessem as fazendas que traziam da Europa, e ajuntassem as que compravam no Oriente. Os hollandezes, que formaram o armazem de taboas e pranchas, tomaram um grande terreno, e começando nos annos seguintes a fazer lastro aos seus navios com as pedras talhadas em Hollanda, foram edificando uma cidadella dentro do armazem. Logo que a acabaram, guarnecida já de artilheria, abateram em uma noite toda a obra de madeira que a encobria, com grande espanto dos indios. O mesmo rei, que não podia crer aquelle impossivel, ficou tão contente de ver o edificio que o queria escolher para sua habitação. Então lhe declararam os hollandezes que não tinham ordem para tal, e seguindo a responderem com o ruido da artilheria ás queixas e ás representações do enganado principe, que veiu assim no ultimo conhecimento de que a fortaleza se não tinha construido para elle.

O governador de Batavia guardava a chave dos thesouros d'onde tirava todo o cabedal a seu arbitrio. Quando saía do palacio era precedido de cincoenta guardas de cavallo, uma companhia de infantaria, e doze pagens aos lados. As audiencias aos embaixadores dos principes indios eram executadas com grande fausto e magnificencia.

A aspereza na reprehensão só deverá ser empregada, depois de esgotados inutilmente os meios da docilidade, e brandura.

Grande parte de republicas tem perecido aos golpes de tyrannos, que souberam fingir-se democratas amantes dos povos.

A sabedoria é um mar sem fundo; não ha sonda, que lhe meça a altura.



EDIFÍCIO MONUMENTO.

No passado anno de 1856 erigiu-se em Masham no condado de York uma bonita capella destinada para memoria de Thomaz Riddell, respeitavel e sabio vigario d'esta pequena cidade, e presidente do instituto mecanico desde que foi fundado; por uma subscrição dos seus parochianos e de seus numerosos amigos, de quem era venerado e querido, foi erecto o templo, concorrendo muito o almirante Octavio Harcourt, principal proprietario de bens rusticos n'aquelle districto. O estylo da construcção é no gosto da architectura italiana, com vestibulo espaçoso e boa escadaria; contém uma bella sala de leitura, bibliotheca, casa para os empregados, e todas as mais conducentes a esta applicação, para que foi feita, com o intuito de facilitar a instrucção a todas as classes. No conjunto das obras se combinou a elegancia com a utilidade e a economica, sendo n'estas essenciaes condições que sobresaie o caracter da nação britanica. M.

PARALLELO ENTRE AS LITTERATURAS ALEMÃ E INGLEZA.

Ha poucas semanas que apresentámos nas columnas do Panorama um pequeno artigo a respeito da moderna litteratura germanica, como complemento de um estudo biographico sobre Hoffmann, que pelo mesmo tempo reproduziamos no jornal; hoje vamos fazer um ligeiro parallello entre aquella litteratura e a britanica, como introducção a outro estudo ácerca de lord Byron. Conscios da nossa insufficiencia, e sem pretensões a chamar nosso ao trabalho alheio, confessamos desde já que temos á vista uma excel-

lente obra de Charles Remusat, que seguiremos n'esta apreciação litteraria.

A poesia ingleza e a poesia alemã tem ambas o cunho da melancolia, mas differem em que aquella se impressiona pelos objectos exteriores, e esta vive do aceso pensar, ou antes de visões, de delirio. Isto, porém, não quer dizer que seja impossivel a um poeta alemão descrever os objectos exteriores, nem a um poeta inglez penetrar nos mysterios do pensamento. Goethe e Burger apresentaram a verdade, a natureza, a ingenuidade mesmo nos seus versos; e sem ser discipulo de Kant, sem ter estudado em Heidelberg ou em Goetting, lord Byron soube, mais de uma vez, rasgar o veo que esconde a alma do homem.

Byron era pintor e pensador; mas se foi o maior poeta britanico dos tempos modernos (talvez de todos os tempos), pode considerar-se germanico pela ousadia da imaginação. Todavia, o seu caracter individual o distingue dos autores alemães, cuja vida pouco activa e uniforme se revela nas proprias obras.

Klopstock passou uma existencia socegada. Goethe, apesar de haver escripto o *Werther*, gozou dos prazeres do homem do mundo, e cumpriu os deveres de um ministro. Schiller teve uma vida menos tempestuosa do que a sua imaginação nos quer inculcar; porém Byron não pôde respirar no meio da sociedade aonde a sorte o collocara, precisava de sensações extraordinarias; obstaculos, perigos, escrupulos, tudo desprezava. Os seus livros não revelam o homem de lettras fechado no gabinete de estudo; denunciavam o poeta que se fez á vela do porto n'um dia de tempestade, que passa a nado o Helles-

ponto, que vae morrer á Grecia como soldado da liberdade.

A vida ociosa dos alemães contrasta singularmente com a vida activa dos bretões. Por isso a poesia germanica é toda contemplativa. Reflexo da actividade nacional, a poesia ingleza revê-se nos campos cuidadosamente cultivados, verdes e risonhos; nos ribeiros artisticamente encanados; nos opulentos castellos da nobreza; nas machinas de vapor; nos caminhos de ferro; nas pontes suspensas; no telegrapho electrico. Os versos dos seus bons poetas parecem escriptos ao ar livre dos campos, pintando fielmente todos os objectos, e reproduzindo as impressões que elles causam. Transparece ali a simplicidade da vida de familia, a alegria campestre, em toda a sua pureza. As narrações são as mais das vezes tocantes e singelas, e mesmo quando versam sobre grandes acontecimentos, parece que estes são contados diante do lar de velho castello ou de humilde cabana, em longo serão de inverno.

Em geral, o talento descriptivo não falta a nenhum poeta inglez, mesmo aos pouco conhecidos, mas brilha com o maior esplendor em Burns, Crabbe e Walter Scott. Entre tantas qualidades poeticas que distinguem o celebre Byron, nenhuma possuiu, talvez, em tão alto grau. Nas proprias pinturas deslumbrantes de Thomaz Moore assoma aquelle talento; com a differença, porém, que Moore parece ver a natureza atravez de um prisma de côres brilhantes mas falsas.

A Inglaterra teve o seu grande poeta epico, o seu grande poeta dramatico, e ainda no ultimo seculo muitos poetas philosophos; mas tudo isso passou, e, o que é inexplicavel, sob o imperio da mais adiantada civilisação, a sua poesia voltou-se de novo para a natureza!

Parece isto um contrasenso, mas não é. Nenhum paiz, com effeito, deve mais á arte que a Grã-Bretanha; o aspecto mesmo do solo revela por toda a parte o esforço do homem. Uma cultura aprimorada tem mudado ali a face da terra: não se encontram cumes de montanhas inacessiveis; nenhum ribeiro se despenha em torrente; as serras mesmo deixaram de ser selvagens. A industria humana apropriou-se de tudo: o fogo, a agua, a terra, tudo está submettido, tudo está domesticado. Os proprios animaes parece prestarem voluntariamente a sua força ao serviço do homem. O cavallo mesmo, o cavallo inglez tão vigoroso e corredor, não rincha de impaciencia, não pula com energia, a sua impetuosidade pode chamar-se docil.

O inglez tem habitos invariaveis, teme geralmente a mudança, professa a religião da ordem estabelecida: parece pois que devera ser o povo mais prosaico do mundo, e todavia a Europa inteira festeja o canto dos seus poetas.

Em meio dos milagres da industria, das profusões da riqueza, dos requintes do luxo, a imaginação não tem perdido o seu imperio na Grã-Bretanha, antes pelo contrario tem ganhado muito. A frescura da sua moderna poesia parece per-

tencer a outras eras. Mas é que a Inglaterra é poetica porque é pittoresca, e a sua maravilhosa agricultura não trata só do util mas tambem do agradável, dando mesmo ares, ás vezes, de que cuidou mais de aformosear do que de fertilisar o terreno.

Aquelles campos tão bem lavrados, aquellas arvores tão respeitadas, aquellos ribeiros que fertilisam as planicies, teem um aspecto risonho e até poetico. Aquelles castellos, onde a opulencia ostenta todas as pompas, são cercados de tapetes de relva em que pastam numerosas manadas; e a arte que traçou esses parques immensos parece haver tido unicamente em vista moldurar uma linda paisagem.

O luxo ali não consiste em abrir grandes lagos, inventar collinas artificiaes, e aliar alegretes, mas em encanar ribeiras, cuidar do arvoredado, e fechar grandes tapadas. Em toda a Inglaterra se encontra uma decidida predilecção pelas bellezas naturaes; desde o mais rico até ao mais pobre cidadão, todos apreciam o campo; o que não succede em outros paizes, onde o aldeão só admira as cidades. Qualquer modesta *cottage* apresenta um bonito jardim, d'onde partem os jasmineiros e roseiras a forrar-lhe as paredes e a coroar-lhe a porta, creando uma encantadora perspectiva. Em meio dos thesouros de uma admiravel vegetação, vê-se uma ruina gothica, as torres de um antigo solar, os arcos ponteagudos de velha abbadia, a hera que forra exteriormente a parochia, a arvore abalada e secca á qual só a vetustidade dá valor, e todos estes monumentos das passadas eras são respeitados como taes, e como ornamentos da paisagem tambem, pelo commum do povo britanico.

Toda a população toma interesse pelos objectos que embellesam o logar da sua residencia; e esta nação, rainha do commercio e da industria, parece reconhecer com amor que deve á terra a sua opulencia, a sua gloria, e a sua grandeza.

A actividade, o goso da liberdade, e a affeição por todas as bellezas que o cerca, tornam o inglez muito differente do alemão, que está condemnado á inercia politica, que é, por character, inimigo do movimento, que, concentrado em si mesmo, despreza os objectos exteriores. Dois poetas, entretanto, que foram contemporaneos, e morreram já n'este seculo, como que se deram as mãos na carreira litteraria, e aproximaram quanto era possivel, uma da outra, as duas poesias ingleza e alemã. Eram dois talentos excepçionaes — Hoffmann e Byron!

Ha uma grande analogia entre estes dois poetas, tanto na vida errante que levaram, ainda que por differentes motivos, como em parte das suas obras; o leitor, que não conhece de perto os inimitaveis livros d'estes autores, poderá contudo avaliar a verdade da nossa asserção, comparando o estudo biographico sobre lord Byron, que vamos começar no seguinte numero do Panorama, com outro estudo que estampámos n'este mesmo semanario ácerca do immortal Hoffmann.

F. M. BORDALO.

OS DIABINHOS.

CONTRABANDO DE VISEU.

I

Era em tempo de segadas,
Grande aperto de serviço,
Descansar (mesmo ao domingo)
Era bom, nem fallar n'isso!...

Tinha o lavrador Fernandes
Uma campina de trigo,
Fazia mister segal-o
E ninguem tinha comsigo.

Scismava o bom lavrador
Roendo o cabo á fouchinha,
Quando vê chegar á beira
Homem que de longe vinha.

— Amigo, diz elle á pressa,
Quer você ganhar jornal?
Fique comnosco e verá
Se lhe corre a vida mal. —

= Ha pois muito que fazer? =
Diz o tal recém-chegado,
= Minha gente de trabalho
Leva tudo n'um cortado. = ()*

— Que fazer?!... olhe esse campo
De trigo já a largar,
Que é preciso ser segado
A'manhã o mais tardar. —

= Amanhã será segado,
Se promette pagar bem. =
— Pagar bem?!... olé se pago!...
Mas a gente aonde a tem? —

= Eu bem sei aonde a tenho,
Não lhe dê isso cuidado:
Terá em medas o trigo
Amanhã logo ao sol nado. =

Fernandes correu a casa
E gritou ao ver Maria:
— Temos grandes novidades!...
Novidades de alegria!

Com homem desconhecido
Justei a grande segada:
Ha d'estar na eira o trigo
Amanhã de madrugada. —

« Olha lá não vá ser isso
Tramoia do inimigo!... »
— Pois quer seja, quer não seja,
Quero ver segado o trigo.

II

A lua nascia,
Os ventos sopravam,
A porta dos heidos
Cachorros ladravam.

O gallo cantava,
Tornava a cantar,
Lá no campanario
Meia noite a dar.

De casa sózinho
Fernandes saía
Em casa resando
Ficava Maria.

Ao campo de trigo
Fernandes chegou.
Que tal foi a peça?!...
Ninguem avistou.

Encontra o coitado
O campo deserto;
Nem um segador,
Nem longe, nem perto.

O trigo c'o vento
Rugia e bailava:
Da magoa do dono
Parece zombava.

Retira-se á pressa,
Fernandes zangado,
Descobre um pipinho
Ao pé do vallado.

— Um pipo!... diz elle,
Tem vinho de certo!
Pois s'elle tem vinho,
A gente está perto.

Arreda!... é pesado
O tal barrilinho;
Veamos então
Se é bom o seu vinho. —

E tira o batoque
O bom lavrador.
Jesus!... que tormenta!...
Que susto e pavor!...

Do pipo s'esgueiram
Rapazes aos gritos!...
São tantos e tantos,
E tão pequenitos!!!...

Parecem abelhas
Em sextas calmosas,
Buscando ligeiras
Boninas e rosas.

(*) Termos proprios da gente do campo.

Camisas traziam
Tão frescas!... lavadas,
Que mais escurecem
Carinhas tostadas.

Barretes vermelhos
Com borlas caídas;
Nas mãos cor da noite
Foucinhas polidas.

Pulseiras e brincos
Da mais fina prata,
Anéis de brilhantes,
Fachas d'escarlata.

Os pescoços nus,
E nus os bracitos,
As pernas esguias,
Os pés de cabritos.

Guinchavam os demos;
— «P'ra onde... p'ra onde?»—
Cercando Fernandes,
Que nada responde.

Pois cuida vae ser
D'ali arrastado
As portas do inferno
Vestido e calçado.

Mas a vozeria
Cresceu tanto e tanto,
Que o mesmo terror
Lhe tira o quebranto.

E toca no pipo
Gritando assustado:
—Aqui!... no barril!
O rancho damnado!—

A chusma guinchando
Entrou no pipinho:
Á solta não fica
Um só diabinho.

Fernandes o pipo
Batoca apressado;
E foi-se esconder
Atraz d'um silvado.

E logo avistou,
(Favor do luar)
O homem do ajuste
Que viu'a chegar.

Chegado que foi
O tal sugentinho
Do pipo soltou
O bando damninho.

—«Aonde?»— repetem
Mil vezes em gritos,
Pulando em redor
Os taes diabitos.

O homem lhes brada:
—Ao trigo! e caluda!...
Segar e ajuntar!
Caterva miuda.

Em medas na eira
Depois arranjado.
Madrão nem um!...
Nem um desazado.==

Oh, que barafunda
No campo e no ar!
O trigo se via
Cair e voar.

Suava e tremia
O pobr'escondido:
Seu trigo julgava
De todo perdido.

Mas finda a tarefa,
O homem guardou
Os demos no pipo,
Que ás costas levou.

Fernandes na eira
Deu logo comsigo
Que gosto!... em medas
Viu lá o seu trigo.

A casa regressa
E diz á mulher:
—Hei d'ir a Viseu...
E dê o que der!

Irei lá buscar
Criados ladinos:
Trabalhem, e sejam
Embora mofinos.==

CONCLUSÃO.

É que lá na grande feira (*)
Se vendiam em canudo
Diabinhos a retalho
Que serviam para tudo.

Outros dentro de barris
Aos milheiros cada bando;
Mas negocio era este
Feito só por contrabando.

Porto, 26 d'Abril.

M. P. DE SOUSA.

OPTIMO EMPREGO DAS CONDEMNACÕES.

Francisco Xavier de Oliveira conta-nos, nas Memórias das suas viagens, o seguinte uso da Hollanda:

(*) Esta crença era geral nas aldeas, e d'ella nasce esse conto que se narra ás creanças.

« Aborrecem os hollandezes em tal forma as blasphemias, as pragas, e as sem-razões que para evitar disputas entre uns, e outros se tem repartido as cidades em bairros, havendo em cada uma d'ellas um juiz, e um thesoureiro que tem a superintendencia de pacificarem os inimigos, provendo em tudo o que é necessario para quietação do publico, e do commum. O juiz procura accommodar todas as differenças que lhe constam: se o não pode conseguir remette-as aos commissarios estabelecidos pelos estados. Aquelle que se acha culpado dando principio, ou causa a semelhantes desordens paga certa condemnação. O marido que dá em sua mulher paga um presunto, ou o seu valor. A mulher que dá no marido paga o dobro. O thesoureiro não só recebe estas condemnações, mas as que também pagam os que não acompanham os enterros dos seus visinhos a que estão obrigados. Recebe também dos herdeiros de cada defunto um presente voluntario de dinheiro, e o laudemio d'aquelles que compram terras, o qual é muito modico, ou para melhor dizer ao arbitrio do comprador. Logo que o thesoureiro tem bastante dinheiro em caixa, se ajuntam todos os moradores em casa do juiz do bairro, onde se elege o sitio e o dia em que se hade fazer um festejo com aquelle cabedal. Ordinariamente se escolhe uma aldêa, onde concorrendo os moradores do bairro por tempo de quatro dias, se não faz outra coisa que comer, beber, fumar, cantar, dançar, e jogar. Cada morador vae sómente com sua mulher, sendo-lhes prohibido levar creanças, nem cães, sob pena de novas condemnações. Para estes dias de divertimento convem todos em certas leis que se fazem, promettendo observal-as para socego, e commodidade do concurso. Entre outras se dispõe que se não obrigue pessoa alguma a beber contra sua vontade, que não haja disputas, nem blasphemias, e que se não argumente em materia de religião. Se o cabedal das condemnações não é bastante para a despeza do festejo, succede algumas vezes fintarem-se todos para inteirar o resto que falta.»

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXV

..... e outros muitos que já se não lembrarão. E todos foram mettidos na cadêa: e porque na cadêa estava já muita gente, não cabiam, e deram sobre tiéis carcereiros todos aquelles que o dito Melchior Affonso tinha assentados, porque todos

negaram, nem contra elles havia prova alguma, mais que saberem uns dos outros; e ficou na cadêa Melchior Affonso, Francisco Gonçalves, Alvaro Pereira, por haver delles algumas culpas. e foi preso no aljube por não caber na cadêa.

LXVI

De como foram soltos Gaspar Gonçalves d'Utra e Estacio d'Utra seu irmão.

Depois de presos os sobreditos, foi na cidade grande espanto, porque alguns d'aquelles homens serviam officios pelo Snr. D. Antonio, e tinham acceptado mercês suas; e logo se dice que Amador Vieira descobrira tudo. E mandou Manuel da Silva soltar a Gaspar Gonçalves d'Utra, e a seu irmão Estacio d'Utra, e os mandou ir aos paços e aposentos onde estivera o Snr. D. Antonio, e então estava o ditto Manuel da Silva; aos quaes em os dittos paços fez muitas honras, dando-lhes grandes agradecimentos de tal lealdade, de tão honrados vassallos; que se os prendera fora por mexericos, que lhe vieram da ilha do Faial, dizendo-lhe que elles eram parentes da mulher de D. Christovam de Moura, e que eram muito poderosos na ilha, que nelles estava entregarem-na cada vez que quizessem; e outros mexericos; e que tudo tinha por falso, antes elles tinham dado de si tal testemunho, que tudo tinham bem desfeito, pelo que lhe tinha contado Antonio Vieira, que com elles fallara; e que el-rei seu Senhor lhes havia fazer grandes mercês, e elle em seu nome, e como seu logar tenente; e lhes botou a cada um o habito de Christo, com cem mil réis de rênda e tença em cada um anno, os quaes elles tomaram, e trouxeram cruces nos peitos, té a entrada desta ilha Terceira.

Continua.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

PRELUDIOS POETICOS

DE

J. RAMOS COELHO.

Com este titulo saiu á luz um volume de poesias, de 300 paginas, nitidamente impresso, com o retrato do autor. Vende-se nas lojas do costume — preço 500 réis.

Publicou-se o 3.º volume da **ENEIDA** de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, **STAMBUL**, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.